

Alterações de voz e gagueira: problemas de linguagem?*

Maria Laura Wey Märtz**

Resumo

Três perspectivas explicitam as relações entre voz e linguagem na clínica fonoaudiológica: produção orgânica de som, elemento suprasegmental ou prosódico e constituinte inalienável da interação verbal. A gagueira é apresentada como contexto específico de tais relações.

Nas duas primeiras, a voz é suporte para a expressão oral. Na terceira perspectiva a voz é considerada constituinte inalienável da linguagem, o que implica compreender que problemas e alterações, ainda que orgânicos, vão se manifestar quando se busca dizer algo a alguém. A polifonia e intersubjetividade características da linguagem mostram-se como vozes prioritariamente em dissonância nas alterações de voz ou na gagueira.

Portanto, é esse confronto de vozes, vivido cotidianamente, que se apresenta como foco da terapia, de modo que a negociação de sentidos torne possível uma expressão verbal oral viva e com todas as tonalidades de que necessita, inclusive as alteradas.

Palavras-chave: voz; gagueira; linguagem.

Abstract

Three perspectives demonstrate the relation between voice and language on the speech-language pathology clinic: the organic production of sound, the suprasegmental or prosodical element, and the inalienable constituent of verbal interaction. Stammering is presented as a context of this relation.

On the two first perspectives, the voice is a support for oral expression. On the third one, the voice is considered an inalienable constituent of language, what implies to the knowledge that problems and alterations, while still organic, will manifest themselves when one tries to say something to somebody. The poliphony and intersubjectivity are revealed mainly in dissonance on the alterations of voice or on stammering.

Therefore, it is this confrontation of voices, practiced every day, that is the focus of the therapy, so that the negotiation of senses make possible a vivid oral expression, with all the necessary tones, including the modified ones.

Key-words: voice; stammering; language.

* O título deste artigo é o mesmo proposto pela professora doutora Maria Claudia Cunha para a mesa por ela coordenada por ocasião do V Congresso Internacional, XI Congresso Brasileiro e I Encontro Cearense de Fonoaudiologia, realizado em Fortaleza/CE, em outubro de 2003. O artigo aqui apresentado é uma versão ampliada e revisada do que foi originalmente exposto no Congresso. ** Professora da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP; doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, fonoaudióloga clínica.

Resumen

Tres perspectivas explicitan las relaciones entre voz y lenguaje en la clínica fonoaudiológica: producción orgánica del sonido, elemento suprasegmental o prosódico y constituyente inalienable de la interacción verbal. La tartamudez es presentada como contexto específico de tales relaciones.

En las dos primeras perspectivas, la voz es soporte para la expresión oral. En la tercera perspectiva la voz es considerada constituyente inalienable del lenguaje, lo que implica comprender que problemas y alteraciones, aún que orgánicos, van a manifestarse cuando se busca decir algo a alguien. La polifonia y intersubjetividad características del lenguaje se muestran como voces prioritariamente en disonancia en las alteraciones de la voz o en la tartamudez.

Por lo tanto, es este confronto de voces, vivenciado cotidianamente, que se presenta como foco de la terapia, de modo que la negociación de sentidos torne posible una expresión verbal oral viva y con todas las tonalidades de que se necesite, incluso las alteradas.

Palabras claves: voz; tartamudez; lenguaje

A abordagem dessa questão requer a indagação conceitual dos termos propostos, ou seja, *o que é que compreendemos quando nos referimos à voz, à gagueira e à linguagem?*

Um conceito, necessariamente, está comprometido com uma determinada visão de mundo, portanto, é uma construção histórica que remete ao modo como, em cada época e também em cada sociedade, se concebem o homem e suas relações, suas formas de pensar e agir. Neste sentido, somos levados a considerar os termos no plural: linguagens, vozes, gagueiras, o que torna mais complexa e intrigante a tarefa, já que inclui perspectivas diversas, uma pluralidade que é também a pluralidade do humano.

Além disso, um recorte se faz necessário, já que estamos na esfera do trabalho fonoaudiológico. É a partir dele que as considerações aqui apresentadas terão como eixo principal as relações entre voz e linguagem. Em seguida, teceremos alguns comentários sobre a gagueira como um contexto mais específico de tais relações.

Adotaremos três perspectivas para a voz, de modo a compreendermos o que isso significa em termos de suas relações com a linguagem no contexto da fonoaudiologia, a saber: como produção orgânica de som, como elemento suprasegmental ou prosódico e, finalmente, como constituinte inalienável da interação verbal.

Som, voz, são os significados oriundos da palavra grega *phoné*. Indica a fonação, constância e harmonia de um som (eufonia) que, no entanto, pode ser interrompido (afonia), pode falhar ou apre-

sentar distúrbios (disfonia). Quando, na prática clínica, tomamos a perspectiva orgânica da voz como princípio metodológico de trabalho, a questão central é determinar em que ponto do aparelho fonador está situada a alteração (ativador, vibrador, ressoador ou articulador) ou, ainda, qual é a sequência fisiológica natural que se apresenta perturbada (ausência, por exemplo, de coordenação pneumofonatória ou pneumofonoarticulatória). Nessa prática, a voz é unicamente suporte para a linguagem falada e interfere apenas na medida em que falha ou se desvia daquilo que é considerado natural, eufônico, para cada pessoa, ou então também na medida em que falha porque é considerada desviante da normalidade de um grupo social. O sofrimento do paciente, nesse caso, é considerado a partir de origens orgânicas, e dessa maneira a linguagem muitas vezes entra na terapia por meio de técnicas de leitura ou de falas automáticas que propiciem o treino das habilidades vocais em questão. Essa forma de compreender as alterações de voz procura a adaptação vocal das falas cotidianas do paciente a respeito de respiração, altura, intensidade, ritmo, entonação, mas não aborda os sentidos dessas mesmas falas *em relação*, ou seja, *nas situações vivas de interação verbal*. Com quem o paciente fala, sobre o que ele fala, se é que pode falar, como se sente nos mais variados contextos relacionais, tudo isso é apenas abordado no sentido da adequação ou adaptação vocal. Aqui, o que a terapia pode oferecer ao paciente é um suporte físico ou fisiológico para a obtenção de uma voz estável, a qual irá, por sua vez, dar suporte ao enunciado verbal.

Quanto à abordagem lingüística, uma longa tradição, iniciada com a filologia, resultou numa abordagem mais propriamente escrita das questões da voz na linguagem, a partir do estudo de documentos históricos. Como aponta Bakhtin, filósofo da linguagem e crítico literário:

Na base dos métodos de reflexão lingüística que levam à postulação da língua como sistema de formas normativas estão os procedimentos práticos e teóricos elaborados para o estudo de línguas *mortas*, que se conservaram em documentos *escritos*. É preciso salientar com insistência que essa abordagem filológica foi determinante para o pensamento lingüístico do mundo europeu. (1979, p. 82)

As descrições das regras formais das línguas, na lingüística iniciada por Saussure (1975, pp. 26-28), buscaram apenas os elementos mais essencialmente distintivos, de modo que aspectos da fonação, como tom e curvas entonacionais, constituem o que chamamos de prosódia ou de elementos suprasegmentais. Tais aspectos são considerados marginais ou não essencialmente distintivos, uma vez que as diferenças que eles podem expressar já estão previstas no próprio segmento investigado, ou seja, no contexto analisado a partir das regras sintáticas. Nesse caso, importante é seguir a norma, ou seja, utilizar adequadamente as entonações de pergunta, afirmação, exclamação, o ritmo e as pausas, a acentuação das palavras, a pontuação das frases, como, enfim, procuramos fazer na leitura oral de textos. Esse aspecto do trabalho fonoaudiológico, associado à oratória, corresponde a uma normatização das falas segundo as variações necessárias aos contextos sociais, mas nada questiona dos variados modos expressivos do cotidiano do paciente, que incluem alterações e desvios em relação ao padrão. Aqui também a voz é suporte para a linguagem falada, apenas o foco é posto na adequação normativa da fala.

Considerar, finalmente, a voz como constituinte inalienável da linguagem é compreender o longo caminho da humanidade na conquista da relação falada. A voz, tal qual a conhecemos, com suas entonações e modulações, com seus ritmos e timbres, ressonâncias diversas a constituir fonemas, palavras e frases, essa voz só pode ser compreendida no ambiente mesmo da construção histórica da linguagem. Os problemas e as alterações, mesmo que de origem orgânica, só vão se manifestar quando se busca dizer algo a alguém, mesmo que

esse dizer signifique silêncio por impossibilidade ou recusa. Portanto, é de igual importância a escuta do que o paciente diz e da forma pela qual o faz, sem que já se conclua por uma melhor adequação orgânica ou lingüística. O que o paciente diz pode estar em conflito com o que sua voz aponta, mas talvez o que ele viva nesse instante seja mesmo *o conflito de dizer*, de se fazer voz, e isso pode ser acolhido e trabalhado em terapia. Um fragmento literário e um caso clínico poderão apresentar melhor esta perspectiva:

Foi assim que numa tarde úmida de verão terminou o casamento de Claire Falk, que já durava vinte e seis anos, mais da metade de sua vida: cometeu o erro estúpido de surpreender uma conversa.

Era um monólogo, apenas uma parte de uma conversa, porque o marido falava ao telefone. Um monólogo sem palavras, sem palavras que se pudessem distinguir claramente, pois estava a alguma distância. Ouvia apenas sons. A voz do marido, curiosamente imatura e sentida, a voz de um rapaz, e no entanto, muito *dele*. Ela a reconheceria em qualquer lugar.

Discutia com alguém. E suplicava. A voz subia, descia, calava. E tornava a soar: estridente, pusilânime, exasperada, temerosa. Uma música áspera, entrecortada, dissonante, que Claire nunca ouvira antes. Ou se ouvira – fora há muito tempo, anos atrás.

Ela recuou colando-se à parede, os ouvidos atentos, embora não tivesse a intenção real de bisbilhotar. Mesmo num momento de choque, de nauseante apreensão, não queria devassar a intimidade de outra pessoa. Mas com quem falava o marido naquele tom irritado, íntimo, por que se mostrava tão aborrecido, por que tão repentina e estranhamente servil? Claire sentia impulsos de ir ao seu encontro, de consolá-lo. Fazia muitos anos desde que precisara consolá-lo.

Ele calou-se por algum tempo. E recomeçou, desta vez mais controlado. Tentava convencer alguém, seu jeito agora mais reconhecível: meio brincalhão, irônico, provocador. Porém continuava a suplicar. Era a súplica que lhe parecia tão repulsiva, tão definitiva: Claire sabia o que significava.

Sabia e retirou-se.

Afinal, era uma mulher de princípios. Seu instinto a afastava do que poderia descobrir sem qualquer dúvida, caso se aproximasse, encostasse o ouvido na porta fechada: seria *degradante* escutar às escondidas agora que sabia que o marido estava discutindo com uma mulher. Naquele momento não pensara exatamente em traição, no sentido de que tivesse sido “traída”, o casamento “traído”. A emoção do marido a excluía. Não a atingia em absoluto.

O que podemos ressaltar, nesse início do conto “Rainha de Noite”, de Joyce Carol Oates (1985, pp. 9-10), é a pura afetividade da voz fazendo-se linguagem, sendo assim escutada e entendida. Nota-se a adjetivação dos tons de voz: irritado, servil, exasperado, suplicante. Como depreender deles o significado da situação?

Poderíamos aqui pensar que essa é uma experiência vivida desde muito cedo, quando um bebê depreende nas entonações da fala de sua mãe o afeto que vem também em palavras que ele ainda desconhece. No entender de Bakhtin (1979, pp. 113-122), esse aspecto refere-se ao acento apreciativo, traço essencial da linguagem a demarcar os valores e afetos que carregam cada enunciado e que são expressos na voz, em cada enunciação única porque referente, a cada vez, a uma situação social imediata e concreta. Bakhtin exemplifica o acento apreciativo com um trecho de um conto de Dostoiévski, no qual seis homens proferem uma mesma palavra (um substantivo censurado, mas de largo uso) com significações inteiramente diversas e perfeitamente compreensíveis. Isso define que os contextos de uma única palavra podem chegar aos extremos opostos, não havendo uma unidade fechada de significação, pois esta é sempre negociada na situação concreta de interação verbal.

Vamos, agora, ao caso clínico.

Era um menino de oito anos e vou chamá-lo aqui de Luís. Ele vinha trabalhando há algum tempo comigo em função de problemas com sua voz. Ficava rouco com frequência, chegando mesmo à afonia. Vínhamos trabalhando com técnicas que facilitassem sua produção vocal, e ele já as manjava bastante bem. Um dia, porém, ao solicitar-lhe que utilizasse o que sabia para uma melhor ressonância na locução do futebol de botão que jogávamos, ele me olhou e disse, apontando para a sua garganta, numa entonação bastante frágil:

– Sabe, é que essa escada [a garganta] está quebrada, por isso a voz não pode subir. Eu vou ter que consertar ou pôr um elevador.

Nesse dia, sugeri a ele que escrevêssemos uma história cujo nome poderia ser “A Voz Fujona”. Luís então inventou um personagem, um menino chamado Guilherme, e acabamos por elaborar alguns episódios em que o menino da história se via às voltas com sua voz, que sempre escapulia em situações de conflito. Num desses episódios, Guilherme

perdeu a voz num jogo de futebol, e a voz foi parar na torcida do time para o qual ele não queria torcer. Num outro episódio, a voz escapuliu no mercado porque o menino queria biscoito de coco e sua tia queria de chocolate e só havia dinheiro suficiente para um deles.

Neste caso, o que se apresentou como necessário foi situar a voz em contextos vivos, mesmo que ficcionais, de modo que Luís pudesse, por intermédio de Guilherme, experimentar os conflitos com acolhimento, e pudesse compreendê-los como passíveis de serem vividos sem que para isso tivesse que perder a voz.

Os aspectos polifônicos da linguagem, ou seja, as muitas vozes que constituem o nosso incessante diálogo na vida, quer estejamos falando, pensando, lendo, escrevendo, muitas vezes mostram-se como vozes em dissonância, e essa dissonância é que vai se apresentar numa alteração de voz. Afinal, como é que se expressa uma pessoa quando ela precisa dizer algo de si, mas não pode? Ou, ainda, quando não quer dizer nada, mas sente-se obrigada a falar.

A linguagem, em sua característica notadamente intersubjetiva, mostra que o diálogo é sempre com um outro, quer ele seja interno ao psiquismo, quer ele se constitua pela pessoa com quem falamos em determinada situação. É, portanto, esse confronto de vozes, vivido cotidianamente, que pode ser o foco da terapia, de modo que a negociação de sentidos torne possível uma expressão verbal oral viva e com todas as tonalidades de que necessite, inclusive as alteradas.

A questão que aqui se coloca é que uma voz não porta sempre a mesma dissonância, mesmo que mantenha alguns padrões gerais. Da mesma maneira, embora um paciente gago apresente certas formas gerais que podem ser descritas (como repetições de sílabas, bloqueios, excesso de tensão corporal na emissão de determinadas palavras), é no fluxo de sua expressão que podemos descobrir e apontar a diversidade de formas que ali aparecem, quebrando assim a fixidez de uma percepção, também ela disfluente e interrompida. Ou seja, cada pessoa apresenta disfonias e gagueiras diversas, mas isso só pode ser percebido se o terapeuta se prepara para ouvir essa diversidade, escutando o fluxo expressivo de seu paciente e, quando possível, apontando-a, mobilizando também a escuta do paciente para o que ele não ouve, mas que ali está.

Um segundo caso clínico poderá também exemplificar essa escuta necessária:

Um menino aqui chamado Pedro, contando seus oito anos de idade, apresentava freqüentes repetições de sílabas e mesmo falta de ar durante sua fala. Tinha consciência de suas dificuldades, referindo-se a elas como “o meu problema”. Ocorre que, em muitos de seus enunciados, quem aparecia para decidir situações, escolher entre alternativas ou mesmo expressar algum gosto mais pessoal era José, o irmão cinco anos mais velho. Conforme essa *outra fala* foi se evidenciando durante as sessões terapêuticas, foi possível apontá-la a Pedro, bem como enfrentar com ele o fato inegável da impossibilidade de alcançar o irmão mais velho, com o qual se comparava incessantemente, até que ambos chegassem à idade adulta. Esse reconhecimento provocou uma sensível mudança de atitude em Pedro, que começou a se interessar por descobrir suas vontades e idéias mais próprias expressando-as segundo seu ritmo mais pessoal.

Na ausência de uma escuta terapêutica, o que se observa é que os ruídos provocados pela gagueira ou pelas alterações de voz serão predominantes e constantes, criando uma certa qualidade de surdez que só ouve o já esperado, tentando de antemão corrigi-lo. Neste caso, a ruptura entre voz e linguagem estará feita.

Concluindo, podemos então compreender que não se trata de excluir da terapia nossos conhecimentos técnicos sobre as condições orgânicas e lingüísticas da produção da fala, mas de trabalhá-los a partir desta realidade viva e plural que é a linguagem.

Referências

- Bakhtin M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec; 1979.
Saussure F. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix; 1975.
Oates JC. Educação sentimental. Rio de Janeiro: Ânima; 1985.

Recebido em março/04; **aprovado em** junho/04.

Endereço para correspondência

Maria Laura Wey Märtz
Rua Constantino de Souza, 1032, ap. 78, São Paulo,
CEP 04605-003

E-mail: laumartz@uol.com.br